

## **Aspectos introdutórios do mangá como fonte: Da gênese desse impresso até a redução da produção durante a Segunda Guerra Mundial**

Introductory Aspects of the manga as a source: From the genesis of this print to the reduction of production during World War II

Fernando César Pereira da Cunha<sup>1</sup>

### **Resumo**

Os mangás fazem parte da cultura japonesa há bastante tempo e no fim do século XX passaram a fazer grande sucesso no Brasil. Este trabalho visa analisar a importância dessa produção escrita como uma fonte para o historiador e o auxílio dado por essas publicações para entender o contexto japonês ao longo da Segunda Grande Guerra. Para tal será realizada uma análise bibliográfica acerca da história do mangá, assim como da guerra, e sua importância para a população da terra do sol nascente.

**Palavras-chave:** Mangá, Japão, Segunda Guerra

### **Abstract**

The manga are a part of Japanese culture for a long time and in the end of the 20th century became very famous in Brazil. This paper wishes to analyze the importance of this written production as a source for researches and how it can help the historian understand the Japanese context during World War II. To do such thing, a full research will be done using theoretical texts about the history of the narrative that mangas bring and it's importance to the land of rising sun.

**Keywords:** Manga, Japan, World War II

---

<sup>1</sup>Graduando em Licenciatura em História, Departamento de História de Campos, Universidade Federal Fluminense.

## Introdução

Este artigo pretende realizar uma análise dos impactos sobre a relação da produção de mangás com períodos turbulentos da história japonesa como a Segunda Guerra Mundial, enfocando também a importância deste tipo de impresso para a análise do historiador acerca das mentalidades de uma época. Importa constatar que ele se insere nas mudanças historiográficas mais recentes, que passaram a privilegiar estudos que envolvem diversos tipos de mídias, quais sejam: literatura, cinema e jogos eletrônicos. Segundo Vergueiro:

Tradicionalmente, as histórias em quadrinhos foram vistas pelo meio acadêmico em geral como objeto menor de pesquisa. Poucos pesquisadores ligados ao meio acadêmico se atreviam a direcionar seus esforços para os quadrinhos, na maioria das vezes receosos de como seus colegas reagiriam (VERGUEIRO, 2005, p. 15).

As histórias em quadrinhos e os mangás – foco do presente trabalho – também acabaram sendo alvos de possíveis estudos dos historiadores, dentro dessas novas perspectivas, enquanto fontes e também objetos de pesquisa.

Nota-se que o uso de impressos na historiografia já vem de certo tempo, principalmente após a Escola dos Annales e a ampliação proposta por esse movimento em relação ao que se entendia como fonte e como objeto para o historiador. Excelente exemplo disso é a coletânea organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora no ano de 1974<sup>2</sup>. Não à toa o terceiro volume da obra – *História: Novos Objetos* (1976) – possui um capítulo específico que trata sobre a história do livro, escrito por dois especialistas no assunto: Roger Chartier e Daniel Roche (CHARTIER; ROCHE, 1976, pp. 99-115). Percebe-se, portanto, uma abrangência que permitia o uso de livros, assim como de jornais e revistas na dupla perspectiva citada – como fontes e objetos do historiador.

Tanto a imprensa como a literatura ficaram de lado por muito tempo na pesquisa histórica por não se adequarem a uma certa hierarquia documental estabelecida, já que este tipo de fonte não era considerado objetivo e neutro o suficiente. Havia uma crença de que não seria digno de credibilidade. Acerca dos jornais, Tânia Regina de Lucca afirma: “Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCCA, 2008, p. 112).

Do mesmo modo, para ajudar no desenvolvimento deste tema a leitura de Roger Chartier sobre a história dos livros e impressos é de essencial importância. A forma com que este artigo visa tratar o estudo do mangá possui forte relação com os trabalhos desse autor, tendo em vista que o mangá é uma obra impressa que representa a cultura e a história de um povo, e, por isso, dialoga com seu público leitor. De acordo com Chartier:

---

<sup>2</sup>Referimo-nos aos três tomos lançados no Brasil pela editora Francisco Alves: *História: novos Problemas*, *História: Novas Abordagens* e *História: Novos Objetos*.

A história oferece duas abordagens que são necessariamente ligadas: reconstruir a diversidade de leituras mais antigas a partir de seus vestígios múltiplos e esparsos, e identificar as estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto (CHARTIER, 1992, p. 215).

A apresentação de Lynn Hunt em *A Nova História Cultural*<sup>3</sup> apresenta as modificações pelas quais passaram o campo da História Cultural. Inicialmente a cultura tratada pelo historiador era apenas aquela pertencente às elites e não havia enfoque no cotidiano e nas manifestações populares, que imperceptivelmente estão presentes no mundo cultural (BARROS, 2014, p. 17). Um indivíduo produz cultura mesmo que não seja artista ou intelectual (BARROS, 2014, pp. 14-15). O abandono das abordagens sobre a história política dos grandes homens em detrimento da “história vinda de baixo” foi um dos pontapés iniciais para o desenvolvimento da nova forma de se abordar a cultura. Outros que possuem grande importância são o uso da antropologia e da teoria da literatura no lugar da sociologia.

Com a influência da antropologia as obras passam a possuir um caráter mais etnográfico, onde a alteridade é abordada, onde a cultura do outro não é diminuída quando relacionada à da elite. Já o uso da teoria literária, que é presente nas análises de Roger Chartier, traz questionamentos acerca não só da produção do objeto (livro, revista, jornal ou o mangá, como no caso deste artigo), mas também da recepção deste entre seus leitores. Chartier afirma que aqueles que trabalham com a História Cultural não devem se esquecer da individualidade de cada leitor e das variadas formas que ele será afetado pelo que lê (HUNT, 1992, p. 18).

A autora aponta que um dos objetivos da obra organizada por ela é apresentar os trabalhos de uma nova geração de historiadores da cultura e como eles, através de técnicas e abordagens oriundas da literatura, são capazes de criar novas formas de análise e novos trabalhos decorrentes disso (HUNT, 1992, p. 22). Sobre a forma de se trabalhar com o objeto, Hunt afirma que “A nova história cultural [...] deve estabelecer os objetos de estudo histórico como semelhantes aos da literatura e da arte” (HUNT, 1992, p. 19).

Ainda assim, nota-se a existência de uma lacuna na historiografia em privilegiar mangás para análise de um determinado contexto histórico. À exceção do artigo de Vitor Batalhone Jr, que trata na verdade do animê *Akira* e não de seu mangá, e de outras poucas análises sobre o assunto, muitas vezes feitas por não historiadores, ainda são pequenas as contribuições que utilizam esses produtos culturais para estudo. Muitas vezes, o foco recai sobre a própria história dos mangás, e não sobre sua utilização como vestígio de uma mentalidade ou de uma época.

Mesmo a história japonesa é pouco estudada por historiadores brasileiros. Temos, como raros exemplos, o livro *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses* (2001) da jornalista Sonia Bibé Luyten e *Os Japoneses* (2007), da socióloga Célia Sakurai. Também fora do Brasil, a produção

---

<sup>3</sup>Livro publicado no Brasil em 1992 consiste numa série de ensaios acerca da História Cultural e das mudanças ocorridas nesse campo da historiografia.

historiográfica ocidental tende a dar pouco espaço ao Japão. Citamos, à guisa de exemplo, o clássico texto de Eric Hobsbawm, *A Era dos Extremos* (2008), que, ainda que de forma indireta, por tratar da Segunda Guerra Mundial, acaba comentando rapidamente sobre a inserção do Japão no conflito.

Uma das bibliografias utilizadas para este trabalho faz uso do mesmo recorte temporal, entretanto, não se utiliza do mesmo enfoque aqui apresentado. O trabalho em questão é de autoria de Pedro Vicente Vasconcellos e se chama *Mangá-Dô, os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas*. Nesta dissertação de mestrado é mostrada a trajetória dos mangás desde sua origem até a atualidade, passando pelo grande sucesso destes no mercado brasileiro. O autor trata rapidamente do período da Segunda Guerra Mundial e apresenta o que houve com o mangá na época, o que foi de grande auxílio para a composição deste artigo.

### **O mangá e sua história**

O povo nipônico é muito conhecido por sua obediência – quase cega, muitas vezes – às regras e às autoridades. Isso pode ocorrer, entre outros aspectos, devido à perpetuação do código de honra e ética dos samurais, denominado *Bushidô*, conforme se verifica a seguir:

O Bushidô, mesmo com o fim dos samurais, ainda é presente na sociedade japonesa contemporânea. Para os japoneses, os preceitos dele clareiam a noção do certo e errado e ensinam a viver e a morrer com honra. As principais virtudes transmitidas são *Gi* (“justiça”), *Yuu* (“coragem”), *Jin* (“benevolência”), *Rei* (“educação”), *Makoto* (“sinceridade”), *Meiyo* (“honra”) e *Chugi* (“lealdade”) (BRAGA; LUCAS, 2012, pp. 01-02).

Esse código de honra pode ser encontrado nos mangás do gênero *shonen*<sup>4</sup>. Na sociedade japonesa após a Segunda Guerra há uma constante tensão por parte da população devido às rotinas muito corridas e às pressões que são sofridas nos ambientes de trabalho e de estudo, e a leitura do mangá atenuava tal peso nas vidas diárias de muitas pessoas. Assim como nos diz Nagado: “De baixo custo, de fácil entendimento e com uma riqueza de assuntos voltados a diferentes faixas etárias, o mangá é, mais que um simples entretenimento, uma válvula de escape para uma sociedade altamente competitiva e exigente” (NAGADO, 2005, p. 49).

As virtudes pregadas pelo código samurai se apresentam em tais obras, pois os personagens heroicos, em sua maioria, são pessoas comuns que fazem todo o possível para atingir seu objetivo. Como será abordado mais à frente o mangá foi usado para atenuar os efeitos da crise de 29 e isso foi um acerto justamente devido às características desse tipo de obra.

Em parágrafos seguintes será abordado mais detidamente o contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e o processo de interrupção da produção de mangás durante a mesma. Mas, antes,

---

<sup>4</sup>Gênero de mangá voltado para o público adolescente masculino, com idade entre 12 e 14 anos.

acreditamos ser necessário tratar de período anterior da história japonesa, de vital importância para compreender o estabelecimento daquele gênero literário.

O Japão ficou considerável parte de sua história fechado para o Ocidente e, por isso, o estudo da sua história e cultura se faz tão importante, por até hoje se mostrar capaz de manter um balanço entre o antigo (tradições) e o moderno (tecnologia). Duas vezes em sua história a “terra do sol nascente” se abriu para os ocidentais. A primeira delas foi a Era Meiji (1868-1912), momento em que muitas mercadorias estrangeiras foram enviadas para o país, assim como os jornalistas e chargistas. A segunda vez foi durante a Segunda Guerra Mundial, quando os japoneses fizeram parte do lado derrotado e foram obrigados a se abrirem para as influências capitalistas dos Estados Unidos. Mesmo nesses dois períodos, eles foram capazes de impedir que um aculturamento ocorresse. Reitera-se, por esse motivo, a pertinência da análise dos mangás dentro dessa perspectiva – de como o Japão conseguiu manter sua identidade apesar de tudo<sup>5</sup>.

A palavra mangá pode ter como um de seus significados “rabiscos descompromissados”. Sua história remonta ao século XII, quando se tinha o *emaki-mono*<sup>6</sup>.



Imagem 1: *emaki-mono* (Fonte: Seção de manuscritos da Biblioteca Nacional)

Porém apenas no século XIX é que uma forma definitiva começou a ser dada a esse tipo de narrativa. O uso da palavra é feito primeiramente em tal século por conta dos *Hakusai Manga*, que era uma série de livros ilustrados publicados em 15 volumes de 1814 até 1878. Portanto, pode-se dizer que, a partir do século XIX, a história do mangá se mescla com a própria história japonesa.

---

<sup>5</sup>Importante comentar que o mangá no Japão é consumido de forma diferente daquela que ocorre no Brasil. Aqui, a maioria dos compradores é adolescente, enquanto lá a compra é feita por diferentes parcelas da população: crianças, pré-adolescentes, universitários, donas de casa, executivos e até mesmo idosos. Um dos temas mais corriqueiros até a atualidade é a representação de pessoas comuns, o que os faz ser muito populares.

<sup>6</sup>Gravura em rolo com dez metros de comprimento. Ao se desenrolar o pergaminho se tinha uma narrativa.



Imagem 2: Hakusai Manga (Fonte: Princeton University Library)

Em 1853 teve início a Restauração Meiji, período em que o Japão voltou a ser governado por um imperador, depois de um longo tempo em que o país fora dominado por senhores de terras. Após 200 anos de isolamento, os portos japoneses foram novamente reabertos para o Ocidente e, por conta disso, houve a importação de material artístico vindo da Europa. Tal material foi de grande importância para o estabelecimento da linguagem do mangá, visto que a chegada de jornalistas estrangeiros se tornou fator decisivo para o começo do desenvolvimento desse tipo de obra, como uma forma de expressão com suas peculiaridades. O inglês Charles Wirgman e o francês George Bigot foram os que primeiramente inseriram os cartuns no Japão e os mesmos tiveram grande influência sobre a produção de mangás (VASCONCELLOS, 2006, p. 21).

No início do século XX o ilustrador japonês Rakuten Kitazawa, muito influenciado por Wirgman, estava tendo uma fama cada vez maior e já se utilizava da palavra mangá para se referir ao seu trabalho. Porém, até aquele momento apenas os adultos eram o público das obras e as mesmas tratavam das transformações políticas e econômicas do Japão em suas narrativas. As histórias mais infantis começaram a aparecer a partir do fim da Era Taisho (1912-1925) e durante a década de 1920 houve um grande crescimento desse tipo de produção. Também naquela época houve uma maior restrição da entrada das publicações estrangeiras no país, o que é perceptível até os dias atuais.

Os anos 1930 no Japão foram bem duros devido à quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, que contribuiu para fomentar uma crise no país. A grande publicação de mangás infantis parecia mascarar os efeitos da crise e era, por esse motivo, fortemente criticada pelos grupos ultranacionalistas e fascistas militares que estavam no poder (VASCONCELLOS, 2006, p. 24).

Quando começou a Segunda Guerra Mundial a produção de mangás foi muito reduzida por conta do desvio da verba usada em sua publicação para outras áreas da economia japonesa: a própria indústria gráfica teve de se voltar para o esforço de guerra.

## O mangá na história

O Japão possuía um desejo de expansão de seu poder imperial que era consideravelmente maior que sua capacidade de fazê-lo, no período de guerra. O país possuía uma força naval e militar consideráveis, porém sua industrialização, mesmo sendo bem avançada, não chegava aos pés da estadunidense. Havia claramente a consciência da fragilidade japonesa devido à sua necessidade de importar grande parte das matérias primas que utilizava, tornando o país muito suscetível às vontades das potências estrangeiras. Havia então uma pressão militar para a formação de um Império que teria a China como um de seus domínios (HOBSBAWM, 2008, p. 44).

Um dos marcos do início da guerra foi a invasão da Manchúria por tropas japonesas em 1931. A falta de ação da Liga das Nações para com o ocorrido foi um facilitador para a explosão da guerra, sobretudo após as demandas alemãs sobre a Polônia. O governo alemão, assim como o japonês, desejava que a guerra fosse rápida, já que ambos os países sabiam que não possuíam recursos suficientes para combater os inimigos por um longo tempo. Os japoneses foram mais capazes de evitar que seus inimigos atacassem conjuntamente, pois não se envolveram em conflitos contra a Grã-Bretanha e a França entre 1939 e 1940, e contra a União Soviética em 1941. Neste último caso, vale notar que o país já havia enfrentado o imponente Exército Vermelho em 1939. Dois anos depois os japoneses foram à guerra contra os britânicos e também contra os Estados Unidos – seu maior inimigo e o que possuía mais recursos.

No mês de julho de 1941 os japoneses desistiram da URSS e ocuparam parte da Indochina. Na mesma época, os britânicos e os holandeses deixaram de vender matérias-primas aos japoneses como forma de retaliação. Ainda que descontente, o governo tentou resolver a situação de forma diplomática, o que não deu certo. O ataque japonês a Pearl Harbor, naquele mesmo ano, foi resultado de diversos fatores, podendo citar: a incapacidade japonesa de conter a China e sua decisão de voltar os olhos para a União Soviética; e o problema com seus recursos naturais, devido ao corte no fornecimento de petróleo que era feito pelos EUA (SAKURAI, 2007, p. 185).

O Japão se encontrava em um período de forte nacionalismo, presente desde o início dos anos 30. Naquela época, os governantes proibiram a publicação de mangás até para as crianças:

Pode-se dizer que essa foi a primeira crise enfrentada pela florescente indústria do mangá, uma vez que os grupos ultranacionalistas e militaristas eram ferozes críticos dos mangás infantis da época, que passaram a ter histórias que tentavam consolar e amenizar o impacto da crise nas crianças. (VASCONCELLOS, 2006, p. 24).

Havia também uma forte censura estatal e os *mangakás*<sup>7</sup> que não aceitassem as regras da censura eram destituídos do direito de exercer a profissão. Tal situação se perpetuou até o fim da guerra. O cinema e a literatura reforçavam o “espírito de auto sacrifício em nome do país” (SAKURAI, 2007,

---

<sup>7</sup>Os mangakás eram aqueles que desenhavam e escreviam os mangás.

p. 187). E em conjunto a estas narrativas havia os poucos mangás que ainda eram publicados, sendo eles de cunho militar. Cristiane Sato afirma:

Na década de 1930, o crescimento do militarismo no Japão que culminou com a ditadura militar até o fim da Segunda Guerra Mundial, influenciou todos os aspectos da vida cotidiana no país. [...] Com isso, os estúdios de cinema e de animação ficaram sob o controle do governo militar, e o próprio governo passou a financiar produções de cunho propagandista, além de censurar todas as produções (SATO, 2005, pp. 30-31).

A explicação japonesa para suas atividades no continente asiático e o ataque a Pearl Harbor tinha a ver com a “Grande Esfera da Co-Prosperidade da Ásia Oriental”, noção de que todos os países deviam se unir contra as influências ocidentais, tendo o Japão como liderança (SAKURAI, 2007, p. 188). Para que os objetivos de criação da Esfera fossem concretizados, a guerra era uma opção. Mas algo faltava – o próprio domínio dos países, conseguido em seguida:

Até abril de 1942, o Japão dominou o Pacífico de norte a sul, de Hong Kong até a Birmânia, além de ter avançado pela China e mantido seu posto na Manchúria. Suas ambições agora se voltam para as regiões que formariam a Grande Esfera. Ameaçavam invadir a Índia a partir da Birmânia e a Austrália a partir da Nova Guiné. É nesse momento que têm de enfrentar a contra-ofensiva dos Estados Unidos (SAKURAI, 2007, p. 190).

Era difícil para os japoneses manterem os territórios dominados sob seu comando e os ataques dos EUA tornavam a situação ainda pior. Houve guerrilhas nestes territórios e as forças japonesas foram obrigadas a atacar. Os Estados Unidos reagiram a Pearl Harbor, já que não viam alternativas além da retaliação. Os estrategistas japoneses tinham ciência da capacidade produtiva das fábricas norte-americanas e mesmo assim decidiram por continuar combatendo o inimigo. Nas batalhas que se seguiram em 1942 e 1943 o exército japonês lutou bravamente para manter seus territórios, mas acabou perdendo-os um a um. Com isso, os japoneses viram os Aliados avançando em direção ao próprio país. Neste avanço ocorreu a famosa batalha de Iwo Jima, em janeiro de 1944, na qual a última defesa japonesa caiu. Em estado de desespero os comandantes militares decidiram usar uma tática suicida, a dos kamikazes<sup>8</sup>.

Os estadunidenses admiraram-se com a tenacidade da população japonesa e sua resistência mesmo após os severos bombardeios (SAKURAI, 2007, p. 193). As Forças Armadas estavam ponderando sobre uma invasão por terra e depois de muito analisar resolveram substituir o ataque terrestre por bombas atômicas. Em 6 de agosto de 1945 a primeira bomba caía sobre Hiroshima e no dia 9 de agosto foi a vez de Nagasaki. O Japão foi incapaz de revidar. Devido a isso, em 14 de agosto de 1945 o país assinou o termo de rendição. Era o fim dos desejos expansionistas, o espírito japonês estava

---

<sup>8</sup>Que consistia em um piloto atirar seu avião deliberadamente em direção ao alvo, fazendo com que todos no avião morressem com o impacto, mas matando também uma considerável parte da frota inimiga (SAKURAI, 2007, p. 192).

destruído e as palavras do imperador após a derrota só tornaram as coisas mais reais, ainda mais porque ele não costumava se dirigir diretamente ao povo:

Mas agora a guerra já durou quase quatro anos. Apesar do melhor que todos têm dado – a nobre luta de nossas forças militares e navais, a diligência e o zelo de Nossos servos do Estado e o devoto serviço de Nossos cem milhões de pessoas – a situação de guerra não se desenvolveu necessariamente para a vantagem do Japão, enquanto as tendências gerais do mundo se viraram contra o interesse dela. Além disso, o inimigo começou a utilizar uma nova e mais cruel bomba, cujo poder de dano é, certamente, incalculável. Custando o preço de muitas vidas inocentes. Se continuarmos a lutar, o resultado disso seria o supremo colapso e obliteração da nação japonesa, mas também levaria a total extinção da civilização humana. Sendo esse o caso, como salvaremos milhões de Nossos servos ou nos harmonizaremos perante os sagrados espíritos de Nossos Ancestrais Imperiais? Essa é a razão pela qual Nós ordenamos a aceitação das disposições da Declaração Conjunta dos Poderes (Trecho traduzido livremente do discurso imperial. O original encontra-se em: <<http://ahoy.tk-jk.net/MoreImages/JapaneseSurrenderProclamation.jpg>>. Acesso em 23 dez. 2015).

Com o fim da guerra o Japão se encontrava em ruínas e precisava urgentemente reerguer-se. As forças militares norte-americanas ocuparam o país de forma unilateral e iniciaram o esforço para o desarmamento e retorno dos soldados nipônicos a seu país de origem. De forma concomitante ocorriam reformas políticas e julgamentos de membros do exército e governo japoneses por crimes de guerra. O imperador não foi a julgamento devido aos receios de uma recepção negativa deste fato por parte do povo japonês e uma conseqüente rebelião. O governante apenas renunciou ao seu caráter divino e permaneceu no poder. Junto com essas reestruturações houve o retorno da liberdade de expressão e, conseqüentemente, o retorno do mangá (VASCONCELLOS, 2006, p. 25).

Por conta da crise em que o país se encontrava os mangás eram produzidos de forma rústica como *Akai Han*, que eram livrinhos de capa vermelha impressos em papel muito grosseiro e muito barato. Os desenhistas não recebiam uma boa remuneração, mas podiam desenhar o que quisessem desde que não atacassem os norte-americanos presentes no país. Nessa época houve um grande fervilhar criativo e isso foi definitivo para o desenvolvimento do mangá, pois permitiu que este tivesse um alcance nunca antes imaginado.

### **A guerra nos mangás**

Para melhor compreender o exposto nos parágrafos anteriores sobre a relação entre o mangá e a compreensão da sociedade através dele, será apresentado como exemplo à obra chamada *Hadashi no Gen (Gen, pés descalços)*. A autoria é de Keiji Nakazawa, nascido em 14 de março de 1939, na cidade de Hiroshima, e falecido em 2012. Aos 6 anos de idade, Nakazawa sentiu e vivenciou os horrores da bomba atômica. Muitos dos membros de sua família não sobreviveram ao desmoronamento da casa onde moravam. Apenas ele, sua mãe e uma irmã menor permaneceram vivos, no entanto, a irmã veio a falecer semanas depois devido à radiação.

No mangá o leitor encontra a história do menino Gen, com 6 anos de idade e que permaneceu vivo, assim como o seu criador, mesmo após o bombardeio de Hiroshima. No decorrer da narrativa podem ser vistas as consequências da bomba e as experiências de Gen e de outros sobreviventes. Há também críticas à militarização do Japão durante o período da Segunda Guerra e as ocasionais dinâmicas abusivas das famílias tradicionais. Como se pode ver, muito da narrativa do mangá vem da experiência pessoal de Nakazawa, sendo Gen considerado seu alter-ego.

A seguir serão abordados trechos do mangá e comentários realizados no Prefácio e na Introdução do primeiro volume do mangá. Para iniciar citaremos um elogio à obra feito por Art Spiegelman, conhecido por ter escrito *Maus: a história de um sobrevivente* (1984). Spiegelman nos diz: “Sem dificuldades, ele transmite uma riqueza de informações sobre a vida cotidiana do Japão durante a Segunda Guerra e a anatomia da sobrevivência sem diminuir o ritmo da trajetória de sua narrativa.” (NAKAZAWA, 2010, p. 281).

Os primeiros dois trechos apresentam as críticas feitas por Daikichi Nakaoka, pai de Gen, com relação à guerra e a forma com que pessoas como ele são tratadas tanto pelos moradores de seu próprio bairro quanto pelas autoridades policiais. Havendo no segundo trecho, principalmente, a demonstração do auto sacrifício que a população teve de realizar em prol do esforço de guerra.



(NAKAZAWA, 2002, p. 13)



(NAKAZAWA, 2002, p. 33)

Ainda acerca de como são tratados aqueles que falam contra a guerra, estes são denominados traidores na edição de 2002, que foi a usada acima, e na de 2010, a que foi lida para a confecção deste trabalho, os opositores são chamados de antipatriotas. O crítico literário japonês Hideki Ozaki diz:

O horror da guerra não se restringe a uma bomba caindo em nossas cabeças, nem a balas voando por todo lado. O verdadeiro horror está na discriminação que ocorre contra aqueles que não concordam com ela, seja em forma de crítica ou de repúdio. (NAKAZAWA, 2010, p. 277)

Os próximos três trechos apresentam a realidade histórica de momentos da guerra sendo abordados no mangá. O primeiro deles trata da elaboração do Projeto Manhattan e dos locais que seriam escolhidos para o ataque estadunidense ao Japão. O segundo e o terceiro tratam do esforço de guerra japonês em defender seus territórios e as constantes perdas devido a maior capacidade do exército inimigo, o que já era sabido pelos estrategistas nipônicos e foi abordado anteriormente neste artigo. No segundo trecho há ainda a presença de uma referência a tática dos kamikazes.



NESSA MESMA HORA, NOS EUA, FINALIZAVA-SE A PRODUÇÃO DE UMA ARMA NUCLEAR, A BOMBA ATÔMICA (O "PROJETO MANHATTAN"). OS CIENTISTAS TRABALHAVAM HÁ TRÊS ANOS NA PESQUISA.



EXPLODIR UMA BOMBA ATÔMICA COM IMENSOS PODERES DE DESTRUIÇÃO SOBRE O JAPÃO SERIA DAR UM FIM NA GUERRA DO PACÍFICO DE MANEIRA VANTAJOSA... OS ALVOS DA BOMBA TINHAM SIDO REDUZIDOS A QUATRO CIDADES: KOKURA, HIROSHIMA, KYOTO E NAGATA. E CONTINUAVAM OS PREPARATIVOS.



QUANDO A GUERRA VAI ACABAR? NÓS JÁ TIVEMOS DEMAIS...

105

(NAKAZAWA, 2002, p. 105)



ABRIL DE 1945. AS FORÇAS AMERICANAS DESBARCARAM EM OKINAWA, A ÚLTIMA FORTALEZA DO JAPÃO. A FURTA BATALHA CHEGA AOS CIDADÃOS DE OKINAWA.



ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS FORAM RECRUTADOS PARA SE JUNTAREM AO GRUPO DE ATABUE ESPECIAL. JOVENS VIDAS LANÇADAS COM SEUS AVIÕES AO INIMIGO E ESPALHADOS NOS MARES...



AS VIDAS DE TODOS OS JAPONESES ESTAVAM POR UM FIO... MAS ANOS SE AGORAVAM AO SUGAN DE GUERRA. "NÓS JAPONESES E LUTAMOS ATE O ÚLTIMO MOMENTO". OS COMANDANTES NÃO DARÃO UM FIM À LUTA.



UM COMUNICADO DO QUARTEL-GENERAL NAVAL... A GRANDE MARINHA IMPERIAL JAPONESA, NA MADRUCA DE HOJE, DESTRUÍU 10 CRUZADORES INIMIGOS, 5 CRUZADORES PESADOS E 120 AVIÕES INIMIGOS...

NESSE RITMO, EM BREVE O JAPÃO VAI GANHAR A GUERRA.

BANZAI! UAU, AGORA A MARINHA REAL ESTÁ PODEROSA!

110

(NAKAZAWA, 2002, p. 110)



(NAKAZAWA, 2002, p. 180)

Gen se apresenta como uma forma de compreender um momento da história humana onde a violência dominou os homens e onde o outro não era visto como um ser humano igual, mas sim um inimigo a ser destruído. E o debate acerca de tais atos deve passar para gerações futuras, segundo a professora Paula J. Paul:

A história de Gen desafia esse lado da natureza humana que continua a se basear no uso da violência e das armas como uma expressão de coragem pessoal e amor à pátria. Ao ler esse livro, os jovens que almejam vivenciar mais que as polaridades e conflitos de seu tempo poderão se aproximar desse lado da experiência humana que inclui coragem moral e confiança mútua. [...] Em uma era ameaçada pelo uso das armas nucleares, acolhemos Gen na sala de aula e em nossos lares, cultivando em nossas crianças e celebrando com elas nosso amor por todas as coisas vivas. (NAKAZAWA, 2002, p. 14)

## Conclusão

Partindo de todo o exposto nos parágrafos anteriores é possível compreender como o mangá está tão intrinsecamente conectado à história nacional japonesa, tendo esse impresso tomado à forma atualmente conhecida em fins do século XIX e início do XX. São obras que fazem muito sucesso no Brasil desde a década de 1990, principalmente entre o público jovem, sendo que no Japão a leitura é realizada pelas mais diversas faixas etárias.

Inicialmente, tanto o mangá, como as revistas em quadrinhos ou outros impressos que abordam o ficcional, foram considerados apenas como formas de lazer, sem que fosse dada a possibilidade dessas obras serem utilizadas como fontes em pesquisas que buscam analisar e compreender o imaginário de uma época. Porém, atualmente esse tipo de publicação passou a receber a atenção dos pesquisadores devido às mudanças na historiografia que partiram da Escola dos *Annales* e

posteriormente com o advento da Nova História Cultural nos anos de 1970. Ainda assim, vale notar que ainda há certo receio por parte de alguns historiadores em operar com ficções e, no caso em particular, com mangás como fonte e objeto de pesquisa.

Justamente por conta dessas recentes alterações nas possíveis abordagens e fontes, assim como da pouca quantidade de trabalhos historiográficos que prestigiam o tema, é que se reforça a importância deste trabalho. Durante toda a exposição realizada anteriormente foram apresentados aspectos introdutórios, que serão aprofundados posteriormente.

## Referências

- BARROS, José D'Assunção. "Existe uma nova história cultural? Análise de um campo histórico". *Revista Poder e Cultura*, vo. 2. Rio de Janeiro, p. 12-40, 2014.
- BATALHONE Junior Vitor Claret. "Akira: porque o pesadelo já começou". *Aedos*, v. 3, n. 8, 2011.
- BRAGA, Juliana; LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. "O Mangá e a Identidade Japonesa no Pós-guerra". In: *Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Recife: 2012, p. 1-13.
- CHARTIER, Roger. "Textos, Impressão, Leituras". In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.
- CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. "O livro: uma mudança de perspectiva". In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 99-115.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HUNT, Lynn. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 111-154.
- LUYTEN, Sonia Bibe. *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*. 3 ed. São Paulo: Hedra, 2011.
- NAGADO, Alexandre. "O mangá no contexto da cultura pop japonesa e universal". In: LUYTEN, Sonia B. (Org.). *Cultura Pop Japonesa: Mangá e Animê*. São Paulo: Hedra, 2005.
- NAKAZAWA, Keiji. *Gen, pés descalços*. São Paulo: Conrad Editora, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Gen, pés descalços*. São Paulo: Conrad Editora, 2010.
- SAKURAI, Célia. *Os Japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007.
- SATO, Cristiane A. "A cultura popular japonesa: animê". In: LUYTEN, Sonia B. (Org.). *Cultura Pop Japonesa: Mangá e Animê*. São Paulo: Hedra, 2005.
- VASCONCELLOS, Pedro Vicente Figueiredo. *Mangá-Dô, os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas*. Dissertação de Mestrado em Design - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- VERGUEIRO, Waldomiro. "A pesquisa em quadrinhos no Brasil: a contribuição da universidade". In: LUYTEN, Sonia B. (Org.). *Cultura Pop Japonesa: Mangá e Animê*. São Paulo: Hedra, 2005.